

SARAH J. MAAS

CORTE DE
ESPINHOS
E ROSAS

Tradução

Mariana Kohnert Medeiros

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

CAPÍTULO 1



A floresta tinha se tornado um labirinto de neve e gelo.

Eu monitorava os limites dos arbustos havia uma hora, e meu ponto de vantagem na concavidade de um galho de árvore perdera a utilidade. O vento forte soprava montes espessos de neve que varriam minhas pegadas, mas enterravam com elas qualquer sinal de possíveis pedras.

A fome tinha me levado mais longe de casa do que eu normalmente ousava, mas o inverno era uma época difícil. Os animais tinham se retirado, entrado mais profundamente no bosque do que eu poderia segui-los, e a mim restava caçar os desgarrados, um a um, rezando para que durassem até a primavera. Não tinham durado.

Passei os dedos dormentes nos olhos, afastando os flocos que se agarravam aos cílios. Aqui, não havia troncos de árvores sem casca, evidência da passagem de cervos — eles ainda não tinham seguido em frente. Permaneceriam até que as cascas acabassem, e então viajariam para o norte, além do território dos lobos, e talvez para as terras feéricas de Prythian — onde nenhum mortal ousaria pisar, a não ser que tivesse o desejo de morrer.

Um calafrio percorreu minha coluna quando pensei nisso, e afastei a sensação, me concentrando nos arredores, na tarefa à frente. Era tudo o que eu podia fazer, tudo o que tinha conseguido fazer havia anos: me concentrar em sobreviver à semana, ao dia, à próxima hora. E agora, com

a neve, teria sorte se visse qualquer coisa àquela altura — principalmente da minha posição no alto da árvore. Eu mal conseguia ver 4 metros adiante. Contendo um resmungo quando braços e pernas enrijecidos protestaram contra o movimento, afrouxei o arco antes de descer da árvore.

A neve dura estalou sob minhas botas desgastadas, e trinquei os dentes. Visibilidade ruim, barulho desnecessário — eu estava a caminho de mais uma caçada infrutífera.

Restavam apenas algumas horas de luz do dia. Se eu não partisse logo, precisaria encontrar o caminho de casa no escuro, e os avisos dos caçadores da aldeia ainda pareciam frescos em minha mente: lobos gigantes estavam à espreita, e muitos deles. Sem falar dos boatos de um povo estranho avistado na área, alto e sinistro e mortal.

Qualquer coisa, menos feéricos, suplicavam os caçadores a nossos deuses, havia muito esquecidos; e eu rezava em segredo ao lado deles. Nos oito anos em que morávamos em nossa aldeia, a dois dias de viagem da fronteira imortal de Prythian, tínhamos sido poupados de um ataque — embora caixeiros-viajantes às vezes contassem histórias de aldeias afastadas da fronteira reduzidas a lascas e ossos e cinzas. Esses relatos, certa vez raros o bastante para serem ignorados pelos anciões da aldeia como boatos, tinham, mais recentemente, se tornado sussurros constantes em todos os dias de feira.

Eu arriscara muito ao entrar tanto na floresta, mas tínhamos acabado com o pão no dia anterior, e o restante da carne-seca, no dia anterior àquele. Mesmo assim, eu preferiria passar outra noite com fome a satisfazer o apetite de um lobo. Ou de um feérico.

Não que houvesse muito de mim para se banquetear. Eu tinha ficado esquelética a essa altura do ano e podia contar muitas das costelas. Andando o mais ágil e silenciosamente que podia entre as árvores, pressionei a mão contra a barriga vazia e dolorida. Sabia qual expressão estaria estampada nos rostos de minhas duas irmãs quando eu voltasse para nosso chalé de mãos vazias mais uma vez.

Depois de alguns minutos de busca cuidadosa, eu me agachei em um aglomerado de arbustos espinhentos cobertos de neve. Em meio aos espinhos, tinha uma vista relativamente decente de uma clareira e do pequeno riacho que fluía por ela. Alguns buracos no gelo sugeriam que

ainda era frequentemente usado. Com sorte, alguma coisa passaria. Com sorte.

Suspirei pelo nariz, enterrando a ponta do arco no chão, e apoiei a testa contra a curva tosca da madeira. Não duraríamos mais uma semana sem comida. E famílias demais já haviam começado a implorar para que eu confiasse na caridade do povo mais rico da aldeia. Testemunhara em primeira mão até que ponto, exatamente, ia tal caridade.

Eu me posicionei mais confortavelmente e acalmei a respiração, fazendo esforço para ouvir a floresta por cima do vento. A neve caía e caía, dançando e rodopiando, como um nevoeiro faiscante, o branco era fresco e limpo contra o marrom e o cinza do mundo. E, apesar de não querer, apesar de ter braços e pernas dormentes, silencieei aquela parte inquieta e maligna de minha mente a fim de observar o bosque coberto pelo véu de neve.

Houve um tempo em que para mim era instintivo desfrutar o contraste da grama nova contra o solo escuro e revirado, ou um broche de ametista aninhado em dobras de seda esmeralda; houve um tempo em que eu sonhava e respirava e pensava em cores e luzes e formas. Às vezes eu até mesmo me permitia sonhar com o dia em que minhas irmãs estariam casadas e seríamos apenas papai e eu, com comida o suficiente para todos, dinheiro o bastante para comprar tinta, e tempo o bastante para colocar aquelas cores e formas em papel, ou tela, ou nas paredes do chalé.

Um sonho que provavelmente não aconteceria tão cedo — talvez nunca. Então, me restava roubar um momento como aquele, admirar o brilho da luz pálida do inverno sobre a neve. Não conseguia me lembrar da última vez que tinha parado a fim de admirar qualquer coisa linda ou interessante.

Horas de ócio em um celeiro decrepito com Isaac Hale não contavam; aquelas horas eram vorazes e vazias, e às vezes cruéis, mas nunca lindas.

O vento uivante se transformou em um suspiro baixo. A neve passou a cair preguiçosamente, em punhadinhos grandes e gorduchos que se acumulavam em cada fresta e protuberância das árvores. Hipnotizante — a beleza letal e suave da neve. Eu me encolhi diante do pensamento de

precisar voltar para as estradas lamacentas e congeladas da aldeia, para o calor abafado de nosso chalé.

Arbustos farfalharam na clareira. Sacar o arco foi uma questão de instinto. Olhei entre os espinhos e preendi o fôlego.

A menos de trinta passos estava uma pequena corça, ainda não muito magricela devido ao inverno, mas desesperada o suficiente para arrancar a casca de uma árvore na clareira.

Uma corça como aquela poderia alimentar minha família durante uma semana ou mais.

Minha boca se encheu d'água. Silenciosa como o vento que ciciava entre as árvores mortas, mirei.

Ela estava tão distraída, tão alheia ao fato de que a própria morte esperava a metros de distância. A corça continuou rasgando tiras de casca, mastigando devagar.

Eu poderia secar metade da carne, e nós poderíamos imediatamente comer o restante — ensopados, tortas... A pele poderia ser vendida, ou talvez transformada em roupa para uma de nós. Eu precisava de botas novas, mas Elain precisava de um manto novo, e Nestha queria qualquer coisa que fosse de outra pessoa.

Meus dedos tremiam. Tanta comida — que salvação. Inspirei para me acalmar, verificando a mira mais uma vez.

Mas havia um par de olhos dourados brilhando nos arbustos adjacentes.

A floresta ficou em silêncio. O vento morreu. Até a neve parou.

Nós mortais não tínhamos mais deuses para quem rezar, mas, se eu soubesse seus nomes perdidos, teria rezado. Para todos eles. Escondido no arbusto, o lobo se aproximou, o olhar fixo na corça distraída.

Era enorme — do tamanho de um pônei. Minha boca secou. Era um dos imensos lobos sobre os quais eu fora avisada.

Jamais tinha visto um tão grande; e, mesmo assim, ele permanecia despercebido pela corça. Se era de Prythian, se era, de alguma forma, feérico, então virar comida era a menor de minhas preocupações. Se ele era feérico, eu já deveria estar correndo.

Mas, talvez... talvez fosse um favor ao mundo, a minha aldeia, a mim mesma, matá-lo enquanto eu estava oculta. Atravessar uma flecha em seu olho não seria um problema.

Mas, apesar do tamanho, ele *parecia* um lobo, se movia como um lobo. *Animal*, assegurei a mim mesma. *Apenas um animal*.

Eu tinha uma faca de caça e três flechas. As duas primeiras eram comuns — simples e eficientes, mas que provavelmente não seriam mais que picadas de abelha para um lobo daquele tamanho. Mas a terceira flecha, a mais longa e mais pesada, eu comprara de um caixeiro-viajante durante um verão em que tínhamos cobre suficiente para alguns luxos. Uma flecha entalhada de freixo, armada com uma ponta de ferro.

Todos sabiam que os feéricos odiavam ferro, mas era a madeira do freixo que fazia com que sua magia curadora e imortal falhasse por tempo suficiente para que um humano lhes desse um golpe mortal. Pelo menos era o que diziam os boatos. A única prova que tínhamos da eficácia do freixo era a raridade da madeira. Eu estudara desenhos das árvores, mas nunca vira uma com meus olhos — não depois que os Grão-Feéricos as tinham queimado, há muito tempo. Então, restavam poucas, a maioria pequena e retorcida, e escondida pela nobreza em bosques murados. Passei semanas depois da compra debatendo se aquele pedaço excessivamente caro de madeira tinha sido um desperdício de dinheiro, e, durante três anos, a flecha de freixo ficara aguardada, inutilizada, na aljava.

Agora, eu rapidamente a sacava, contendo os movimentos ao mínimo, eficientemente — qualquer coisa para evitar que aquele lobo monstruoso olhasse em minha direção. A longa flecha era pesada o bastante para causar dano — poderia matar o lobo se eu mirasse direito. Se eu abatesse o lobo, a corça fugiria. Se eu abatesse a corça, o lobo iria atrás do meu pescoço ou da carcaça — e destruiria quantidades preciosas de pele e gordura.

Meu peito ficou tão apertado que doeu. E, naquele momento, percebi que minha vida se reduzia a uma pergunta: o lobo estava sozinho?

Segurei o arco e puxei ainda mais a corda. Eu era boa de tiro, mas jamais enfrentara um lobo. Achei que isso me tornava sortuda — até mesmo abençoada. Mas agora... Não sabia onde acertar ou com que velocidade eles se moviam. Não podia correr o risco de errar. Não quando só tinha uma flecha de freixo.

E se houvesse, de fato, o coração de um feérico batendo sob aquele pelo, então, que morresse. Que morresse depois de tudo o que aquele

povo fizera conosco. Eu não correria o risco de que ele espreitasse nossa aldeia mais tarde, atrás de massacrar e aleijar e atormentar. Que morresse ali e naquele momento. Eu ficaria feliz em acabar com ele.

O lobo se esgueirou mais para perto, e um galho se partiu sob uma das patas — cada uma maior que minha mão. A corça ficou rígida. Ela olhou para os dois lados, os ouvidos se esticando na direção do céu cinzento. Com o lobo abaixado a favor do vento, a corça não podia vê-lo nem sentir seu cheiro.

A cabeça do lobo pendeu, e o enorme corpo prateado do animal — tão perfeitamente camuflado na neve e nas sombras — se equilibrou sobre as ancas. A corça ainda olhava na direção errada.

Desviei minha atenção da corça para o lobo e, então, de volta. Pelo menos ele estava sozinho — pelo menos nisso eu fora poupada. Mas, se o lobo assustasse a corça, só me restaria um lobo imenso e faminto — possivelmente um feérico — procurando pela segunda melhor refeição. E se ele a matasse...

Se eu calculasse errado, minha vida não seria a única a ser perdida. Mas minha vida havia sido reduzida a nada além de riscos nos últimos oito anos em que eu caçava no bosque, e eu fazia a escolha certa na maioria das vezes. Na maioria das vezes.

O lobo disparou dos arbustos em um lampejo de cinza, branco e preto, as presas amarelas reluzindo. Era ainda mais colossal exposto, uma maravilha de músculos, velocidade e força bruta. A corça não tinha chance.

Disparei a flecha de freixo no lobo antes que ele destruísse mais a caça.

A flecha encontrou o alvo em um dos flancos do lobo, e podia jurar que o próprio chão estremeceu. O lobo uivou de dor, soltando o pescoço da corça conforme o próprio sangue espirrou na neve — reluzente como rubi.

O lobo se voltou para mim, aqueles olhos amarelos arregalados, os pelos do pescoço arrepiados. Seu grunhido baixo ressoou no buraco vazio de meu estômago quando fiquei de pé, a neve se revirando ao meu redor, com outra flecha preparada.

Mas o lobo apenas... me olhou, a mandíbula manchada de sangue, minha flecha de freixo despontando, banal, de seu flanco. A neve reco-

meçou a cair. O lobo *olhou*, e com um tipo de atenção e de surpresa que me fizeram disparar a segunda flecha. Só por precaução — para o caso de aquela inteligência ser do tipo imortal, malicioso.

Ele não tentou desviar da flecha quando ela perfurou facilmente o olho amarelo e arregalado.

Cor e escuridão giraram, como um redemoinho em minha visão, misturando-se à neve.

O lobo desabou no chão.

Suas patas estremeçiam, e um gemido baixo cortou o vento. Impossível — ele deveria estar morto, não morrendo. A flecha atravessou o olho do lobo quase até a ponta de penas de ganso.

Mas lobo ou feérico, não importava. Não com aquela flecha de freixo enterrada no flanco. Mesmo assim, minhas mãos tremeram quando afastei a neve do caminho e me aproximei dele, ainda mantendo uma boa distância. Sangue jorrava dos ferimentos que eu causara, manchando a neve de carmesim.

O lobo batia com a pata no chão, a respiração já mais lenta. Será que sentia muita dor, ou o choro era apenas uma tentativa de afastar a morte? Eu não tinha certeza se queria saber.

A neve girou ao nosso redor. Encarei o lobo até que aquele manto de carvão, obsidiana e marfim parasse de se elevar e descer. Lobo — definitivamente apenas um lobo, apesar de seu tamanho.

O aperto em meu peito diminuiu, e meu fôlego se condensou diante de mim quando suspirei. Pelo menos a flecha de freixo tinha se provado letal, independentemente de quem e o que ela abatesse.

Uma avaliação rápida da corça indicou que eu só podia carregar um animal; e mesmo isso seria difícil. Mas era uma pena deixar o lobo.

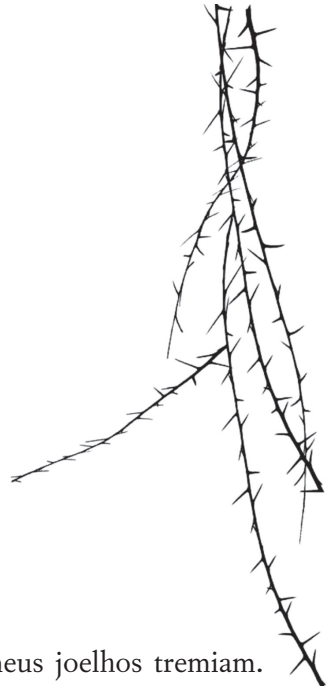
Embora tivesse desperdiçado minutos preciosos — minutos durante os quais qualquer predador poderia sentir o cheiro do sangue fresco — tirei a pele do lobo e limpei as flechas o melhor que pude.

Pelo menos aqueceu minhas mãos. Enrosquei o lado sangrento da pele sobre o ferimento mortal da corça antes de jogá-la por cima do ombro. Nosso chalé ficava a alguns quilômetros dali, e eu não precisava de um rastro de sangue atraindo todos os animais com presas e garras diretamente até mim.

Grunhindo devido ao peso, peguei as pernas da corça e dei uma última olhada para a carcaça fumegante do lobo. O olho dourado que lhe restava encarava o céu, agora carregado de neve, e, por um momento, desejei ter a capacidade de sentir remorso pela coisa morta.

Mas aquilo era a floresta, e era inverno.

CAPÍTULO 2



O sol tinha se posto quando saí da floresta; meus joelhos tremiam. Minhas mãos, rígidas por segurar as pernas do cervo, haviam ficado completamente dormentes quilômetros atrás. Nem mesmo a carcaça conseguia afastar o frio que se intensificava. O mundo estava coberto por matizes de azul-escuro, interrompidos apenas por raios de luz amantegada que escapavam das janelas fechadas de nosso chalé em ruínas. Era como caminhar por uma pintura viva — um momento de quietude tornado mais lindo pela agilidade com que os azuis se transformavam em escuridão sólida.

Conforme me arrastava pelo caminho, cada passo impulsionado apenas pela fome quase desnorreadora, as vozes de minhas irmãs flutuaram até me encontrar. Não precisei discernir as palavras para saber que, muito provavelmente, conversavam sobre algum rapaz, ou sobre as fitas que viram na aldeia, quando deveriam cortar lenha, mas sorri um pouco mesmo assim.

Chutei as botas contra o batente da porta de pedra, tirando a neve do solado. Pedacos de gelo se desprenderam das pedras cinza do chalé, revelando as marcas de proteção desbotadas entalhadas no portal. Meu pai tinha, certa vez, convencido um charlatão fortuito a trocar os entalhes de proteção contra feéricos por uma de suas próprias esculturas de madeira. Meu pai podia fazer tão pouco por nós que não tive coragem de

dizer a ele que os entalhes eram inúteis — e, sem dúvida, falsos. Mortais não tinham magia; não possuíam nada da força e da velocidade superiores dos feéricos ou dos Grão-Feéricos. O homem, alegando ter sangue Grão-Feérico em sua linhagem, simplesmente entalhou as espirais, os redemoinhos e as runas ao redor da porta e das janelas, murmurou algumas palavras sem sentido e seguiu seu caminho.

Abri a porta de madeira, e a maçaneta de ferro congelada feriu minha pele, como uma víbora. Calor e luz me cegaram quando entrei.

— Feyre! — Ouvi o arquejo baixo de Elain, pisquei de volta contra a luminosidade do fogo e, então, vi a segunda mais velha de minhas irmãs diante de mim. Ela estava enroscada em um cobertor, mas os cabelos castanho-dourados, que todas herdamos, estavam perfeitamente presos em um coque. Oito anos de pobreza não a haviam destituído do desejo de parecer linda. — Onde conseguiu isso? — A fome implícita tornou suas palavras afiadas. Não mencionou o sangue em mim. Eu desistira, havia muito, de que elas reparassem se eu voltava da floresta toda noite. Pelo menos até que ficassem com fome de novo. Minha mãe não *as* obrigara a jurar nada em seu leito de morte.

Respirei para me acalmar quando soltei a corça dos ombros. O animal acertou a mesa de madeira com um estampido, chacoalhando uma xícara de cerâmica do outro lado.

— Onde acha que consegui? — Minha voz tinha ficado rouca. Desenrolei a pele de lobo do corpo da corça e, após descalçar as botas e colocá-las ao lado da porta, eu me virei para Elain.

Seus olhos castanhos — os olhos de meu pai — permaneceram na corça.

— Vai demorar muito para você limpar?

Eu. Não ela, não as outras. Nunca vi as mãos de minhas irmãs grudadas de sangue e pele. Eu aprendera a preparar e limpar minhas caças, graças à instrução de outros.

Meu pai e Nestha ainda estavam sentados à lareira, aquecendo as mãos, e minha irmã mais velha o ignorava, como sempre. Elain continuou encarando a carcaça, pressionando a mão contra a barriga, provavelmente tão vazia e dolorida quanto a minha. Não que Elain fosse cruel. Ela não era como Nestha, que nascera com desprezo no rosto. Elain às

vezes apenas... não entendia as coisas. Não era maldade que a impedia de oferecer ajuda; simplesmente não lhe ocorria que pudesse ser capaz de sujar as mãos. Jamais consegui decidir se ela realmente não entendia que éramos pobres de verdade, ou se simplesmente não queria aceitar o fato. Isso, mesmo assim, não me impedia de comprar sementes para o jardim de flores que ela cultivava nos meses mais amenos, sempre que podia pagar por elas.

E não impedira Elain de me comprar três pequenas latas de tinta — vermelha, amarela e azul — durante aquele mesmo verão em que consegui o suficiente para comprar a flecha de freixo. Foi o único presente que ela me deu, e nossa casa ainda tinha as marcas dele, mesmo que a tinta estivesse agora desbotando ou descascando: pequenas vinhas e flores ao longo das janelas e dos batentes, e nas beiradas de coisas, minúsculas espirais de chama nas pedras que ladeavam a lareira. Qualquer minuto a mais que eu tivesse naquele farto verão usava para ornamentar a casa com cores, às vezes escondendo pequenas decorações dentro de gavetas, atrás das cortinas puídas, sob as cadeiras e na mesa.

Não tivemos um verão tão tranquilo desde então.

— Feyre. — A voz profunda e rouca de meu pai veio da lareira. A barba escura estava perfeitamente aparada, o rosto impecável — como os de minhas irmãs. — Que sorte você teve hoje de nos trazer tal banquete.

Ao lado de meu pai, Nestha riu com escárnio. Não era surpreendente. O mínimo sinal de elogio para qualquer um — eu, Elain, outros aldeões — costumava ser brindado com seu desprezo. E toda palavra de nosso pai costumava ser ridicularizada por Nestha também.

Estiquei as costas, quase cansada demais para ficar de pé, mas apoiei a mão à mesa ao lado da corça quando lancei um olhar a Nestha. De nós, ela sofrera mais com a perda de nossa fortuna. Secretamente se ressentia de meu pai desde o momento em que fugimos de nossa mansão, mesmo depois daquele dia horrível em que um dos credores veio mostrar o quanto estava infeliz com a perda de seu investimento.

Mas pelo menos Nestha não enchia nossas cabeças com conversas inúteis sobre recuperar a riqueza, como meu pai. Não, ela apenas gastava todo o dinheiro que eu não escondesse, e raramente se dava o trabalho

de reconhecer a presença manca de meu pai. Havia alguns dias em que eu não sabia dizer qual de nós era o mais desprezível e amargo.

— Podemos comer metade da carne esta semana — falei, virando o olhar para a corça. O animal ocupava toda a mesa bamba que servia como nossa mesa de jantar, de trabalho e cozinha. — Podemos secar a outra metade — continuei, sabendo que por mais delicadamente que eu falasse, ainda faria a maior parte do trabalho. — E vou ao mercado amanhã ver quanto consigo pelas peles — concluí, mais para mim mesma que para eles.

A perna ruim de meu pai estava estendida à frente, o mais perto da fogueira que conseguia chegar. O frio ou a chuva ou uma mudança na temperatura sempre agravavam os ferimentos horríveis e deformados ao redor de seu joelho. A bengala de meu pai estava apoiada contra a cadeira — uma bengala que Nestha às vezes tinha a propensão de deixar bem longe do alcance dele.

Ele poderia encontrar trabalho se não se sentisse tão envergonhado, sempre dizia Nestha quando brigávamos por causa disso. Ela odiava meu pai pelo ferimento também — por não haver revidado quando aquele credor e seus brutamontes invadiram o chalé e golpearam o joelho dele diversas vezes. Nestha e Elain tinham fugido para o quarto, bloqueando a porta. Eu fiquei, implorando e chorando a cada grito do meu pai, a cada esmagar de osso. Eu me borrei — e então vomitei bem nas pedras diante da lareira. Somente então os homens foram embora. Jamais os vimos de novo.

Usamos uma enorme parte do dinheiro restante para pagar o curandeiro. Meu pai levou seis meses para sequer andar, um ano antes de conseguir caminhar 1,5 quilômetro. As moedas que trazia quando alguém sentia pena dele a ponto de comprar os entalhes de madeira não eram suficientes para nos manter alimentados. Cinco anos atrás, quando o dinheiro acabou de vez, quando meu pai ainda não conseguia — não queria — se mover muito, ele não discutiu quando anunciei que caçaria.

Meu pai não se deu o trabalho de tentar se levantar da cadeira ao lado da lareira, não se deu o trabalho de erguer o rosto do entalhe de madeira. Ele apenas me deixou entrar naquele bosque mortal e assustador que até

mesmo os caçadores mais experientes temiam. Ele havia se tornado um pouco mais alerta agora — às vezes oferecia sinais de gratidão, às vezes mancava até a aldeia para vender as esculturas —, mas não muito.

— Eu adoraria um manto novo — disse Elain, suspirando, ao mesmo tempo que Nestha ficou de pé e declarou:

— Preciso de um novo par de botas.

Fiquei quieta, sabendo que não deveria entrar no meio de uma de suas discussões, mas olhei para as botas ainda reluzentes de Nestha à porta. Ao lado das dela, minhas botas pequenas demais se desfaziam na costura, unidas apenas por cadarços puídos.

— Mas estou congelando com meu manto velho e em frangalhos — implorou Elain. — Vou tremer até a morte. — Ela fixou os olhos arregalados em mim e falou: — Por favor, Feyre. — Elain pronunciou as duas sílabas de meu nome: *fêi-re*, com o choro mais terrível que eu já ouvira, e então, Nestha emitiu um estalo alto com a língua antes de mandar Elain se calar.

Esqueci as duas quando começaram a discutir quem ficaria com o dinheiro das peles no dia seguinte, e notei meu pai, agora de pé à mesa, uma das mãos apoiada contra o móvel a fim de aliviar o peso enquanto inspecionava a corça. Fiquei tensa quando a atenção dele se voltou para a enorme pele de lobo. Os dedos de meu pai, ainda macios como os de um cavalheiro, viraram a pele e traçaram uma linha pela parte inferior ensanguentada.

Os olhos escuros de meu pai se voltaram para os meus.

— Feyre — murmurou ele, e a boca se tornou uma linha contraída. — Onde conseguiu isto?

— No mesmo lugar em que consegui a corça — respondi, a voz igualmente baixa, minhas palavras frias e afiadas.

O olhar de meu pai percorreu o arco e a aljava presos a minhas costas, a faca de caça com cabo de madeira na lateral de meu corpo. Os olhos dele se encheram d'água.

— Feyre... o risco...

Indiquei a pele com o queixo, incapaz de evitar o tom afiado da voz quando falei:

— Não tive escolha.

O que eu queria dizer de verdade era: *Você sequer se dá o trabalho de tentar sair de casa na maioria dos dias. Se não fosse por mim, passaríamos fome. Se não fosse por mim, estaríamos mortos.*

— Feyre — repetiu ele, e fechou os olhos.

Minhas irmãs tinham se calado, e ergui o rosto a tempo de flagrar Nestha enrugando o nariz ao fungar. Ela pegou meu manto.

— Você fede a porco coberto pelos próprios excrementos. Pode ao menos *tentar* fingir que não é uma camponesa ignorante?

Não deixei a mágoa transparecer. Eu era nova demais para aprender mais que o básico da etiqueta, da leitura e da escrita quando nossa família caiu em desgraça, e ela jamais me deixava esquecer.

Nestha recuou e passou o dedo sobre os cachos trançados dos cabelos castanho-dourados.

— Tire essas roupas nojentas.

Eu me demorei, engolindo as palavras que queria latir de volta para ela. Três anos mais velha que eu, Nestha, de alguma forma, parecia mais nova, as bochechas douradas sempre coradas, com um delicado rosa vibrante.

— Pode colocar uma panela de água no fogo e lenha na lareira? — Mas, enquanto perguntava, reparei na pilha de madeira. Restava um só pedaço de lenha. — Achei que iriam cortar lenha hoje.

Nestha limpou as longas unhas cuidadas.

— Odeio cortar lenha. Sempre fico com farpas. — Ela me olhou por baixo dos cílios escuros. De todas nós, Nestha se parecia mais com mamãe. — Além do mais, Feyre — disse ela, com um biquinho —, você é muito melhor nisso! Leva metade do tempo que eu levo. Suas mãos são melhores para isso... já são tão ásperas.

Meu maxilar se contraiu.

— Por favor — pedi, lutando contra a raiva, sabendo que uma discussão era a última coisa que eu queria ou de que precisava. — Por favor, levante-se ao amanhecer para cortar a lenha. — Desabotoei a parte de cima da túnica. — Ou comeremos o café da manhã frio.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Não vou fazer tal coisa!

Mas eu já me dirigia ao pequeno segundo quarto, no qual nós, garotas, dormíamos. Elain murmurou uma súplica baixa a Nestha, o que lhe garantiu um sibilo em resposta. Olhei por cima do ombro para meu pai e apontei para o cervo.

— Prepare as facas — falei, sem me dar o trabalho de parecer agradável. — Vou sair logo. — Sem esperar resposta, bati a porta.

O quarto era suficientemente grande para uma cômoda bamba e a enorme cama de pau-ferro na qual dormíamos. O único resquício de nossa antiga riqueza, encomendada como presente de casamento de meu pai para minha mãe. Era a cama na qual nascêramos todas, e a cama na qual minha mãe morrera. Apesar de toda a pintura que fiz na casa nos últimos anos, jamais a toquei.

Joguei as camadas externas de roupa na cômoda gasta — franzindo a testa para as violetas e as rosas que havia pintado em volta dos puxadores da gaveta de Elain, para as chamas crepitantes que pintei em torno dos de Nestha, e para o céu noturno — com espirais de estrelas amarelas em vez de brancas — circundando os meus. Eu havia feito isso para alegrar um quarto sombrio. Elas jamais comentaram. Não sei por que eu esperava que o fizessem.

Resmungando, fiz o possível para não desabar na cama.



Jantamos cervo assado naquela noite. Embora eu soubesse que era tolice, não protestei quando cada uma de nós comeu uma segunda vez antes de eu declarar que já era o bastante. Passaria o dia seguinte preparando as partes restantes da corça para o consumo, e então separaria algumas horas para curtir as duas peles antes de levá-las ao mercado. Eu conhecia alguns mercadores que poderiam se interessar por tal compra — embora nenhum provavelmente me daria a quantia que eu merecia. Mas dinheiro era dinheiro, e eu não tinha tempo ou fundos para viajar até a cidade grande mais próxima a fim de encontrar uma oferta melhor.

Lambi os dentes do garfo, saboreando resquícios de gordura que cobriam o metal. Minha língua deslizou pelas pontas tortas — era parte de um faqueiro tosco que meu pai recuperara da ala dos criados enquanto os credores saqueavam nossa mansão. Nenhum de nossos talheres com-

binava, mas era melhor que usar os dedos. O faqueiro do dote de minha mãe fora vendido há muito tempo.

Minha mãe. Ativa e fria com os filhos, alegre e deslumbrante entre os conhecidos que frequentavam nossa antiga propriedade, apaixonada por meu pai — a única pessoa que ela realmente amou e respeitou. Mas também amava de verdade as festas; tanto que não tinha tempo de fazer nada comigo, a não ser contemplar como minhas habilidades com desenho e pintura, ainda por desabrochar, poderiam me garantir um futuro marido. Se ela tivesse vivido tempo o bastante para ver nossa riqueza ruir, teria ficado arrasada. Mais que meu pai. Talvez o fato de ela ter morrido tenha sido um ato de misericórdia.

De qualquer forma, pelo menos sobrava mais comida para nós.

Não havia nada dela no chalé além da cama de pau-ferro — e a promessa que eu fizera.

Sempre que olhava para um horizonte, ou pensava se eu não devia simplesmente andar e andar e jamais olhar para trás, ouvia aquela promessa que havia feito, 11 anos antes, enquanto ela definhava no leito de morte. *Fiquem juntos, e cuide deles*. Prometi, jovem demais para perguntar por que ela não havia implorado a minhas irmãs mais velhas, ou a meu pai. Mas jurei para ela, e então ela morreu, e em nosso mundo humano desgraçado — protegido apenas pela promessa dos Grão-Feéricos há cinco séculos, em nosso mundo, no qual havíamos esquecido os nomes de nossos deuses —, promessa era lei; uma promessa era moeda de troca; uma promessa era sua garantia.

Havia momentos em que eu a odiava por ter pedido que eu promettesse. Talvez, delirante de febre, nem soubesse o que estava exigindo. Ou talvez a morte tivesse dado a ela alguma clareza sobre a verdadeira natureza das filhas, do marido.

Pus o garfo na mesa e observei as chamas de nossa lareira minguada dançarem pela lenha restante, estendendo as pernas doloridas sob a mesa.

Virei para minhas irmãs. Como sempre, Nestha reclamava dos aldeões — que não tinham modos, que não tinham traquejo social, ou não faziam ideia de quanto o tecido de suas roupas era inferior, embora fingissem se tratar de seda fina ou *chiffon*. Desde que perdemos nossa

fortuna, as antigas amigas passaram a ignorá-las incontestavelmente, e minhas irmãs agiam como se os jovens aldeões fossem um círculo social de segunda classe.

Tomei um gole da xícara de água quente — nem mesmo podíamos pagar por chá ultimamente — enquanto ela continuou a história.

— Bem, eu disse a *ele*: “Se acha que pode simplesmente me pedir de modo tão indiferente, senhor, vou recusar!” E sabe o que Thomas disse? — Nestha falava para Elain, que ouvia com atenção total. Perdido em qualquer lembrança enevoada que o havia tomado, meu pai sorria gentilmente para a amada Elain, a única de nós que se esforçava para falar com ele de verdade.

— Tomas Mandray? — interrompi. — O segundo filho do lenhador?

Os olhos azuis de Nestha se semicerraram.

— Sim — disse ela, e se voltou para Elain de novo.

— O que ele quer? — Olhei para meu pai. Nenhuma reação, nenhum sinal de alarme ou de que sequer ouvia.

— Ele quer se casar com ela — disse Elain, sonhadora. Pisquei.

Nestha inclinou a cabeça. Eu tinha visto predadores fazerem esse movimento antes. Às vezes imaginava se sua determinação irreduzível nos teria ajudado a sobreviver melhor — a prosperar, inclusive — se não estivesse tão preocupada com nosso status perdido.

— Algum problema, *Feyre*? — Nestha disparou meu nome como um insulto, e meu maxilar doeu por contraí-lo com força.

Meu pai se mexeu na cadeira, e, embora eu soubesse que era estúpidez reagir às provocações, falei:

— Você não pode cortar lenha para nós, mas quer se casar com o filho de um *lenhador*?

Nestha empertigou os ombros.

— Achei que tudo que você queria era que saíssemos de casa, casar a mim e Elain para que tenha tempo de pintar suas gloriosas obras-primas. — Ela olhou com desprezo para a coluna de dedaleiras que pintei na borda da mesa; as cores eram escuras e azuis demais, sem nenhuma das manchinhas brancas dentro dos túbulos das flores, mas eu me superei,

mesmo que tivesse sofrido por não ter tinta branca, para fazer algo tão defeituoso e duradouro.

Ignorei o insulto, embora desejasse cobrir a pintura com a mão. Talvez no dia seguinte eu simplesmente a raspasse da mesa de vez.

— Acredite — falei para Nestha —, no dia em que quiser se casar com alguém, vou marchar até a casa dele e entregá-la. Mas não vai se casar com Tomas.

As narinas de Nestha se dilataram delicadamente.

— Não há nada que possa fazer. Clare Beddor me contou esta tarde que Tomas *vai* me pedir em casamento a qualquer momento agora. E então, nunca mais vou precisar comer essas sobras de novo. — Ela acrescentou, com um leve sorriso: — Pelo menos não preciso recorrer a me deitar no feno com Isaac Hale, como se fosse um animal.

Meu pai soltou uma tosse envergonhada, virando o rosto para a cama dele ao lado da lareira. Jamais dissera uma palavra contra Nestha, por medo ou culpa, e aparentemente não começaria agora, mesmo que aquela fosse a primeira vez que ele ouvia falar de Isaac.

Apoiei as palmas das mãos na mesa enquanto a encarava. Elain tirou a mão de onde estava, como se a terra e o sangue sob minhas unhas, de alguma forma, fossem saltar para sua pele de porcelana.

— A família de Tomas vive melhor que a nossa por pouco — argumentei, tentando evitar grunhir. — Você seria apenas mais uma boca para alimentar. Se ele não sabe disso, então os pais devem saber.

Mas Tomas sabia — tínhamos nos esbarrado na floresta antes. Vi o brilho de fome desesperada em seus olhos quando Tomas me flagrou carregando uma penca de coelhos. Eu jamais matara outro ser humano, mas, naquele dia, minha faca de caça pareceu um peso na lateral do corpo. Fiquei longe do caminho dele desde então.

— Não podemos pagar um dote — continuei, e embora meu tom de voz fosse firme, minha voz ficou mais baixa. — Para nenhuma de vocês. — Se Nestha quisesse ir embora, tudo bem. Que bom. Eu estaria mais perto de alcançar aquele glorioso e tranquilo futuro, de conseguir uma casa calma e comida o bastante e tempo para pintar. Mas não tínhamos nada, absolutamente nada para atrair qualquer pretendente a tirar minhas irmãs de minhas mãos.

— Estamos apaixonados — declarou Nestha, e Elain assentiu. Quase ri. Quando tinham deixado de desejar aristocratas para paquerar camponeses?

— Amor não alimenta barriga vazia — repliquei, mantendo o olhar o mais firme possível.

Como se a tivesse golpeado, Nestha deu um salto do banco.

— Você só está com ciúmes, ouvi falar que Isaac vai se casar com alguma camponesa de Greenfield por um bom dote.

E eu também; Isaac tinha se gabado disso na última vez em que nos encontramos.

— Ciúmes? — falei devagar, cavando fundo para esconder o ódio. — Não temos nada para oferecer a eles, nenhum dote, nem mesmo gado. Embora Tomas possa querer se casar com você... você é um fardo.

— O que você sabe? — sussurrou Nestha. — É apenas uma besta semisselvagem, com coragem de dar ordens dia e noite. Continue assim e algum dia, algum dia, Feyre, não haverá ninguém para se lembrar de você, ou para se importar com o fato de que você sequer existiu. — Ela saiu irritada, e Elain disparou atrás dela, arrulhando sua simpatia. As duas bateram a porta do quarto que compartilhávamos com tanta força que a louça chacoalhou.

Eu tinha ouvido aquelas palavras antes — e sabia que ela só as repetia por que encolhi o corpo da primeira vez que Nestha as dissera. Ainda doíam, mesmo assim.

Tomei um longo gole da xícara lascada. O banco de madeira sob meu pai rangeu quando ele se mexeu. Tomei outro gole e falei:

— Você deveria colocar juízo nela.

Meu pai examinou uma marca de queimadura na mesa.

— O que eu posso dizer? Se é amor...

— *Não pode* ser amor, não da parte dele. Não com aquela família desprezível. Já vi o modo como anda pela aldeia, ele quer algo de Nestha, e *não* é sua mão em...

— Precisamos de esperança tanto quanto precisamos de pão e carne — interrompeu meu pai, os olhos vívidos por um raro momento. — Precisamos de esperança, ou não sobreviveremos. Então, deixe que ela

mantenha a esperança, Feyre. Deixe que imagine uma vida melhor. Um mundo melhor.

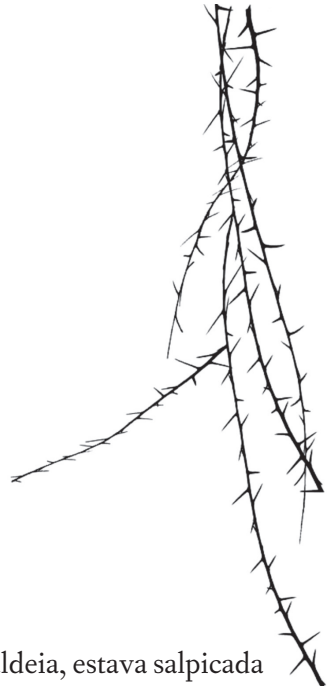
Eu me levantei da mesa, os dedos se fechando em punhos, mas não havia para onde correr em nosso chalé de dois quartos. Olhei para a pintura desbotada da dedaleira na beira da mesa. As flores mais na borda já estavam lascadas e sumindo, a parte mais baixa do caule tinha se apagado por completo. Em alguns anos, teria desaparecido, sem deixar marcas de que estivera ali. De que eu estivera ali.

Quando olhei para meu pai, meu olhar era ríspido.

— Isso não existe.

CAPÍTULO

3



A neve pisoteada, cobrindo a estrada para nossa aldeia, estava salpicada de marrom e preto por conta do tráfego de carroças e cavalos. Elain e Nestha emitiam estalos com a língua e faziam caretas conforme seguíamos pela estrada, desviando das partes especialmente nojentas. Eu sabia por que tinham vindo; elas olharam uma vez para as peles que eu havia dobrado na sacola e pegaram as capas.

Não me dei o trabalho de falar com elas, pois as duas não se dignaram a falar comigo depois da noite anterior, embora Nestha tivesse acordado ao amanhecer para cortar lenha. Provavelmente porque sabia que eu venderia as peles no mercado naquele dia e voltaria para casa com dinheiro no bolso. Elas me seguiram pela estrada solitária, caminhando pelos campos cobertos de neve, até nossa aldeia em ruínas.

As casas de pedra da aldeia eram medíocres e entediantes, e pareciam ainda mais tristes pela desolação do inverno. Mas era dia de mercado, o que significava que a minúscula praça no centro da aldeia estaria cheia de todo tipo de mercadores que tivessem encarado a manhã gelada.

A um quarteirão, o cheiro de comida quente pairava no ar; temperos que incitavam o fundo de minha memória, chamando. Elain soltou um grunhido baixo atrás de mim. Temperos, sal, açúcar — mercadorias raras para a maioria dos habitantes de nossa aldeia, impossíveis de comprar.

Se eu me saísse bem no mercado, talvez tivesse o suficiente para comprar algo delicioso para nós. Olhei para trás, abrindo a boca para sugerir, mas viramos a esquina e quase tropeçamos umas nas outras quando paramos ao mesmo tempo.

— Que a Luz Imortal brilhe sobre vocês, irmãs — disse a jovem de túnica pálida diretamente em nosso caminho.

Nestha e Elain estalaram a língua; contive um gemido. *Perfeito*. Exatamente do que precisava, os Filhos dos Abençoados na aldeia, em dia de mercado, distraíndo e agitando todos. Os anciões da aldeia costumavam permitir que eles permanecessem ali apenas por algumas horas, mas a mera presença dos tolos fanáticos que ainda adoravam os Grão-Feéricos deixava as pessoas nervosas. *Me* deixava nervosa. Há muito tempo, os Grão-Feéricos tinham sido nossos senhores supremos — não deuses. E eles certamente não foram bondosos.

A jovem estendeu as mãos brancas como a lua em um gesto de cumprimento, um bracelete de sinos de prata — prata *de verdade* — tilintando no pulso.

— Têm um momento para poder ouvir a Palavra dos Abençoados?

— Não — rebateu Nestha com desprezo, ignorando as mãos da garota e cutucando Elain para que caminhasse. — Não temos.

Os cabelos escuros e soltos da jovem reluziam à luz da manhã, e seu rosto limpo e descansado brilhava enquanto a garota abria um belo sorriso. Havia cinco outros acólitos atrás dela, rapazes e mulheres, de cabelos longos, não cortados; todos perscrutando o mercado em busca de jovens para incomodar.

— Só levará um minuto — disse a seguidora, postando-se à frente de Nestha.

Era impressionante — impressionante mesmo — ver Nestha ficar ereta como uma vareta, esticar os ombros e olhar com o nariz empinado para a jovem, como uma rainha sem trono.

— Vá cuspir suas baboseiras fanáticas para algum tolo. Não vai encontrar ninguém para converter aqui.

A garota se encolheu de volta, uma sombra perpassou seus olhos castanhos. Contive minha vontade de encolher o corpo. Talvez não fosse

o melhor jeito de lidar com eles, pois poderiam se tornar um verdadeiro transtorno quando agitados...

Nestha ergueu a mão e puxou a manga do casaco para mostrar o bracelete de ferro ali. O mesmo que Elain usava; elas haviam comprado adornos combinados anos antes. A seguidora arquejou, os olhos arregalados.

— Está vendo isto? — ciciou Nestha, dando um passo à frente. A seguidora recuou. — É isto que *deveria* estar usando. Não uns sininhos de prata para atrair aqueles monstros feéricos.

— Como *ousa* usar essa afronta vil contra nossos amigos imortais...

— Vá pregar em outra aldeia — disparou Nestha.

Duas bonitas e gorduchas esposas de fazendeiros passaram andando a caminho do mercado, de braços dados. Conforme se aproximaram dos acólitos, seus rostos se contorceram com expressões idênticas de desprezo.

— *Prostituta amante de feéricos* — grunhiu uma delas para a jovem. Eu não pude discordar.

Os acólitos ficaram em silêncio. A outra aldeã — abastada o suficiente para ter um colar farto de ferro trançado ao redor da garganta — semicerrou os olhos, o lábio superior se afastando dos dentes.

— Vocês, idiotas, não entendem o que aqueles monstros fizeram conosco durante tantos séculos? O que ainda fazem, por diversão, quando podem sair impunes? Vocês merecem o fim que encontrarão nas mãos dos feéricos. Tolos e prostitutas, todos vocês.

Nestha assentiu para as mulheres conforme seguiram seu caminho. Nós nos voltamos para a jovem que ainda parada diante de nós, e até mesmo Elain franziu a testa com desprezo.

Mas a jovem respirou fundo, o rosto mais uma vez se tornando sereno, e falou:

— Eu vivia nessa ignorância também, até ouvir a Palavra dos Abençoados. Cresci em uma aldeia parecida com esta, tão desolada e sombria quanto. Mas, há menos de um mês, uma amiga de minha prima foi para a fronteira, como oferenda a Prythian, e não retornou. Agora, vive entre riquezas e conforto, como a noiva de um Grão-Feérico, e vocês também poderiam se parassem um momento para...

— Ela provavelmente foi devorada — ciciou Nestha. — Por isso não voltou.

Ou pior, pensei, se um Grão-Feérico estava realmente envolvido em encorajar a entrada de uma humana em Prythian. Nunca encontrei os Grão-Feéricos cruéis e vagamente semelhantes a humanos que governavam a própria Prythian, ou os feéricos que ocupavam as terras deles, com escamas e asas, e longos braços pendentes que poderiam arrastar alguém para muito, muito abaixo da superfície. Eu não sabia o que seria pior de enfrentar.

O rosto da seguidora se contraiu.

— Nossos mestres benevolentes jamais nos feririam de tal forma. Prythian é uma terra de paz e fartura. Caso os abençoassem com sua atenção, vocês ficariam felizes por viver entre eles.

Nestha revirou os olhos. Elain lançava olhares de nós para o mercado adiante — para os aldeões que agora também nos observavam. Era hora de ir.

Nestha abriu a boca de novo, mas me coloquei entre elas e percorri os olhos pelas vestes azul-pálidas da jovem, as joias de prata, a limpeza profunda da pele. Não havia marca ou sujeira.

— Você está lutando uma batalha vencida — declarei.

— Uma causa digna. — A garota deu um sorriso beato.

Dei um leve empurrão em Nestha para que saísse andando, e então falei para a seguidora:

— Não, não é.

Pude sentir a atenção dos acólitos ainda sobre nós conforme caminhamos para a movimentada praça do mercado, mas não olhei para trás. Eles iriam embora logo, pregar em outra aldeia. Precisaríamos tomar um caminho mais longo para fora da aldeia a fim de evitá-los. Quando nos afastamos o bastante, olhei por cima do ombro para minhas irmãs. O rosto de Elain permanecia fixo com espanto, mas os olhos de Nestha pareciam tempestuosos, os lábios, contraídos. Imaginei se voltaria batendo os pés para a garota e começaria uma briga.

Não era meu problema; não agora.

— Encontro vocês aqui em uma hora — falei, e não lhes dei tempo de grudarem em mim antes de seguir para a praça lotada.

Levei dez minutos para contemplar minhas três opções. Havia meus compradores de sempre, o sapateiro enrugado e o alfaiate de olhar aguçado, que frequentava nosso mercado, vindo de uma aldeia próxima. E, então, o desconhecido: uma mulher grande como uma montanha, sentada na beira da fonte quadrada de nossa praça em ruínas, sem qualquer carrinho ou barraquinha, mas parecendo disposta a negociar mesmo assim. Suas cicatrizes e as armas que carregava a delatavam facilmente. Era uma mercenária.

Eu conseguia sentir os olhos do sapateiro e do alfaiate em mim, sentir seu desinteresse fingido conforme avaliavam a sacola que eu levava. Tudo bem; seria um daqueles dias então.

Eu me aproximei da mercenária cujos grossos cabelos escuros eram cortados na altura do queixo. O rosto bronzeado da mulher parecia lapidado em granito, e seus olhos negros se semicerraram levemente quando me viram. Tinha olhos tão interessantes — não apenas de um tom de preto, mas... de muitos, com toques de castanho que reluziam entre as sombras. Afastei aquela parte inútil de minha mente, os instintos que me faziam pensar em cor e luz e forma, e mantive meus ombros para trás conforme a mulher me avaliava como ameaça ou empregadora potencial. Suas armas — reluzentes e perigosas — bastaram para me fazer engolir em seco. E estacar a uns bons 60 centímetros de distância.

— Não troco mercadorias por meus serviços — disse ela, a voz carregada com um sotaque que nunca tinha ouvido antes. — Só aceito dinheiro.

Alguns aldeões que passavam tentaram não parecer interessados em nossa conversa, principalmente quando falei:

— Então, você não terá sorte neste tipo de lugar.

Ela se agigantava mesmo sentada.

— Qual é seu interesse em mim, menina?

A mulher podia ter qualquer idade entre 25 e 30, mas imaginei que eu parecesse uma menina para ela, vestindo minhas camadas de roupas, magricela de fome.

— Tenho uma pele de lobo e outra de corça para vender. Achei que pudesse estar interessada em comprá-las.

— Você as roubou?

— Não. — Fixei os olhos nos dela. — Cacei eu mesma. Juro.

A mulher me esquadrinhou com aqueles olhos escuros de novo.

— Como. — Não foi uma pergunta, mas uma ordem. Talvez fosse alguém que tivesse encontrado outros que não consideravam sagrados os juramentos, as palavras como compromisso. E havia punido as pessoas adequadamente.

Então contei a ela como havia abatido os dois, e, quando terminei, a mulher apontou minha sacola com a mão.

— Deixe-me ver. — Peguei as duas peles dobradas cuidadosamente. — Você não estava mentindo quanto ao tamanho do lobo — murmurou a mulher. — Mas não parece um feérico. — Ela examinou as peles com um olho de especialista, percorrendo as mãos por cima e por baixo. A mulher deu o preço.

Pisquei, mas contive a vontade de piscar uma segunda vez. Ela ofereceu um preço alto... muito alto. Encarei a mulher em silêncio.

Ela olhou para além de mim, depois de mim.

— Presumo que aquelas duas meninas observando do outro lado da praça sejam suas irmãs. Vocês todas têm esse cabelo acobreado e esse olhar faminto. — De fato, elas ainda estavam tentando ao máximo ouvir sem ser vistas.

— Não preciso de sua piedade.

— Não, mas precisa de meu dinheiro, e os outros mercadores foram avarentos a manhã toda. Todos estão distraídos demais por aqueles fanáticos de olhos arregalados se lamuriando pela praça. — A mulher indicou com o queixo os Filhos dos Abençoados, que ainda soavam seus sininhos de prata e saltavam no caminho de qualquer um que tentasse passar.

A mercenária dava um leve sorriso quando me volvei para ela.

— Depende de você, menina.

— Por quê?

A mulher deu de ombros.

— Um dia alguém fez o mesmo por mim e pelos meus, numa época em que eu mais precisava. Imaginei que fosse a hora de pagar o que devo.

Eu a observei de novo, sopesando.

— Meu pai tem umas esculturas de madeira que eu também poderia lhe dar, para que fique mais justo.

— Viajo com pouco e não tenho necessidade delas. Estas, no entanto — a mulher deu tapinhas nas peles que estavam nas mãos dela —, me poupam o trabalho de matar os animais eu mesma.

Assenti, as bochechas ficando quentes à medida que a mulher levava a mão para a bolsa de moedas dentro do casaco pesado. Estava cheia e pesada, com, no mínimo, prata, possivelmente ouro, se o tilintar fosse algum indicativo. Mercenários costumavam ser bem pagos em nosso território.

Nosso território era pequeno e pobre demais para manter um exército a postos a fim de monitorar a muralha contra Prythian, e os aldeões só podiam contar com a força do Tratado forjado quinhentos anos antes. Mas a classe alta podia contratar espadachins, como aquela mulher, para vigiar as terras que faziam fronteira com o reino imortal. Era uma ilusão de conforto, exatamente como as marcas em nosso portal. Todos sabíamos, bem no fundo, que não havia nada a ser feito contra os feéricos. Todos tínhamos ouvido, independentemente de classe ou patente, desde o momento em que nascemos, os avisos cantados para nós enquanto nos balançavam em berços, ou as rimas entoadas nos pátios das escolas. Um dos Grão-Feéricos poderia transformar nossos ossos em pó a 100 metros de distância. Não que minhas irmãs e eu tivéssemos visto.

Mas mesmo assim tentávamos acreditar que alguma coisa — qualquer coisa — pudesse funcionar contra eles se algum dia os encontrássemos. Havia duas barracas no mercado que alimentavam esses medos, oferecendo amuletos e bugigangas, e encantamentos e pedaços de ferro. Eu não podia pagar por eles; e se, de fato, funcionassem, só nos dariam alguns minutos para nos preparar. Correr era inútil; lutar também. Mas Nestha e Elain ainda usavam os braceletes de ferro sempre que saíam do chalé. Até Isaac tinha uma pulseira do material ao redor de um dos punhos, sempre escondida sob a manga. Ele se oferecera para me comprar uma, certa vez, mas eu recusei. Pareceu pessoal demais, muito semelhante a um pagamento, muito... um lembrete permanente do que quer que nós fôssemos e do que não éramos um para o outro.

A mercenária transferiu as moedas para a palma da minha mão, que esperava, e eu as coloquei no bolso; o peso das moedas lembrava o de uma pedra de moinho. Não havia como minhas irmãs não terem visto o dinheiro; sem dúvida, já estariam imaginando como poderiam me persuadir a dar um pouco a elas.

— Obrigada — agradei à mercenária, tentando, sem conseguir, evitar a amargura na voz conforme sentia minhas irmãs se aproximarem, como abutres circundando uma carcaça.

A mercenária acariciou a pele de lobo.

— Um conselho, de uma caçadora para outra.

Ergui as sobrancelhas.

— Não entre muito no bosque. Eu nem chegaria perto de onde você esteve ontem. Um lobo deste tamanho seria o menor de seus problemas. Mais e mais, ouço histórias daquelas coisas atravessando o muro.

Um calafrio percorreu minha espinha.

— Elas vão... elas vão atacar? — Se fosse verdade, eu encontraria um modo de tirar minha família deste território miserável e úmido, e rumaria para o sul, para longe da muralha invisível que dividia nosso mundo, antes que pudessem cruzá-la.

Houve um tempo — há muito tempo, e durante milênios antes disso — em que éramos escravos dos senhores Grão-Feéricos. Houve um tempo em que construímos para eles gloriosas e extensas civilizações, com nosso sangue e suor, construímos templos para seus deuses selvagens. Houve um tempo em que nos rebelamos, em todas as terras e territórios. A Guerra fora tão sangrenta, tão destrutiva, que foi preciso que seis rainhas mortais oferecessem um Tratado para que o massacre terminasse dos dois lados e para que a muralha fosse construída: o Norte de nosso mundo foi concedido aos Grão-Feéricos e aos feéricos, que levaram sua magia com eles; o Sul ficou para nós, mortais covardes, eternamente forçados a tirar o sustento da terra.

— Ninguém sabe o que os Grão-Feéricos estão planejando — disse a mercenária, o rosto como pedra. — Não sabemos se os Grão-Senhores estão afrouxando as rédeas de suas feras, ou se esses são ataques objetivos. Trabalhei como guarda para um velho nobre que alegou uma piora nos últimos cinquenta anos. Ele pegou um navio para o sul há

duas semanas, e me disse que eu deveria partir se fosse esperta. Antes de zarpar, o velho admitiu que soubera de um dos amigos que, na calada da noite, um bando de martax atravessou o muro e destróçou metade de sua aldeia.

— Martax? — sussurrei. Eu sabia que havia tipos diferentes de feéricos, que eles variavam tanto quanto qualquer outra espécie de animal, mas só conhecia alguns pelo nome.

Os olhos escuros como a noite da mercenária brilharam.

— O corpo grande como o de um urso, a cabeça parecida com a de um leão, e três fileiras de dentes mais afiados que os de um tubarão. E malignos, mais cruéis que todos os três juntos. Eles deixaram os aldeões literalmente em farrapos, o nobre contou.

Meu estômago se revirou. Atrás de nós, minhas irmãs pareciam tão frágeis, a pele pálida tão infinitamente delicada e quebradiça. Contra algo como os martax, jamais teríamos chance. Aqueles Filhos dos Abençoados eram tolos; tolos fanáticos.

— Então, não sabemos o que todos esses ataques significam — continuou a mercenária —, a não ser mais contratos para mim, e vocês se mantendo bem longe da muralha. Principalmente se os Grão-Feéricos começarem a aparecer, ou pior, um dos Grão-Senhores. Eles fariam os martax parecerem cães.

Avaliei suas mãos cobertas de cicatrizes, ressecadas pelo frio.

— Já encarou outro tipo de feérico?

Os olhos da mulher se fecharam.

— Não quer saber, menina, a não ser que queira vomitar seu café da manhã.

Eu estava mesmo meio enjoada... enjoada e assustada.

— Era mais mortal que os martax? — ousei perguntar.

A mulher puxou a manga do pesado casaco, revelando um antebraço bronzeado e musculoso salpicado de terríveis cicatrizes distorcidas. O arco que formavam era tão semelhante a...

— Não tinha a força bruta ou o tamanho de um martax — revelou a mulher —, mas sua mordida era cheia de veneno. Dois meses foi o tempo que fiquei apagada; quatro meses até ter forças para andar de novo. — A mulher puxou a perna da calça. Lindo, pensei, mesmo quando o

horror daquilo se contorceu em meu estômago. Contra a pele bronzeada, as veias estavam pretas, um preto sólido, em formato de teia de aranha, que cobria suas pernas, como geadas. — O curandeiro disse que nada podia ser feito, que tenho sorte de andar com o veneno ainda em minhas pernas. Talvez me mate um dia, talvez me deixe aleijada. Mas pelo menos partirei sabendo que matei a coisa primeiro.

O sangue em minhas veias pareceu gelar quando a mulher desceu a barra da calça. Se alguém na praça tinha visto, não ousou falar a respeito — ou se aproximar. E eu ouvira o bastante por um dia. Então, recuei um passo, me acalmado apesar do que ela havia contado e mostrado.

— Obrigada pelos avisos — falei.

A atenção da mulher se voltou para trás de mim, e ela me deu um sorriso levemente divertido.

— Boa sorte.

Então, a mão esguia de alguém se fechou em meu antebraço, me arrastando para longe. Eu sabia que era Nestha antes mesmo de olhar para ela.

— São perigosos — sussurrou Nestha, os dedos se enterrando em meu braço conforme ela continuava me puxando para longe da mercenária. — Não chegue perto deles de novo.

Encarei Nestha por um momento, e, depois, Elain cujo rosto ficara pálido e contraído.

— Tem alguma coisa que eu precise saber? — perguntei, baixinho. Não conseguia me lembrar da última vez em que Nestha tentara me avisar sobre alguma coisa; Elain era a única com quem ela se importava.

— São trogloditas e levarão qualquer moeda que conseguirem, mesmo que seja à força.

Olhei para a mercenária, que ainda estava examinando as peles novas.

— Ela roubou você?

— Não ela — murmurou Elain. — Um outro que passou. Só tínhamos algumas moedas, e ele se irritou, mas...

— Por que não o denunciou... ou me contou?

— O que você poderia ter feito? — indagou Nestha, com escárnio. — Desafiaria o homem para uma briga com seu arco e flecha? E

quem neste esgoto de aldeia sequer ligaria se nós denunciássemos alguma coisa?

— E quanto a Tomas Mandray? — falei, com frieza.

Os olhos de Nestha brilharam, mas um movimento atrás de mim chamou sua atenção, e ela me lançou o que imaginei ser uma tentativa de um sorriso doce, provavelmente quando se lembrou do dinheiro que eu agora levava.

— Seu amigo está esperando você.

Virei. De fato, Isaac observava do outro lado da praça, os braços cruzados ao se recostar contra uma construção. Embora fosse o filho mais velho do único fazendeiro abastado da aldeia, ainda estava magro devido ao inverno, e os cabelos castanhos ficaram ralos. Relativamente bonito, de fala mansa e reservado, mas com um toque sombrio que nos havia atraído um para o outro; aquela compreensão mútua de como nossas vidas eram desprezíveis e sempre seriam.

Nós nos conhecíamos superficialmente havia anos, desde que minha família tinha se mudado para a aldeia, mas nunca pensei muito em Isaac até que acabamos pegando a estrada principal juntos certa tarde. Só conversamos sobre os ovos que ele estava levando ao mercado; e eu admirava a variedade de cores dentro do cesto que Isaac carregava: marrons, escuros e claros, azuis e verdes dos mais pálidos. Simples, tranquilo, talvez um pouco esquisito, mas Isaac me deixou em meu chalé sem que eu me sentisse tão... só. Uma semana depois, eu o puxei para aquele celeiro decrepito.

Isaac fora meu primeiro e único amante nos dois anos em que nos encontrávamos. Às vezes nos encontrávamos toda noite durante uma semana, em outras, passávamos um mês sem nos ver. Mas era sempre igual: uma descarga de roupas jogadas e fôlegos compartilhados e línguas e dentes. De vez em quando, conversávamos, ou melhor, *Isaac* falava sobre as pressões e os fardos que o pai colocava sobre ele. Em geral, não soltávamos uma palavra o tempo todo. Eu não podia dizer que nosso jeito de fazer amor era especialmente habilidoso, mas, ainda assim, era uma libertação, um alívio, um pouco de egoísmo.

Não havia amor entre nós, e jamais houvera — pelo menos o que eu presumia que as pessoas queriam dizer quando falavam sobre amor —,

mas parte de mim tinha ficado deprimida quando Isaac contou que em breve se casaria. Eu ainda não estava desesperada o bastante para pedir que ele me visse depois de casado.

Isaac inclinou a cabeça em um gesto familiar, e então desceu a rua; para fora da aldeia e para o antigo celeiro no qual ele estaria esperando. Não éramos discretos a respeito de nossos encontros, mas tomávamos medidas para evitar que ficasse óbvio demais.

Nestha emitiu um estalo com a língua, cruzando os braços.

— Espero que vocês dois estejam tomando cuidado.

— É um pouco tarde para fingir se importar — falei. Mas tomávamos cuidado. Como eu não podia pagar, o próprio Isaac tomava a mistura contraceptiva. Ele sabia que eu não o tocara de outra forma. Levei a mão ao bolso, tirando de dentro uma moeda de vinte. Elain inspirou fundo, e não me dei o trabalho de olhar para qualquer de minhas irmãs quando coloquei a moeda na palma da mão dela e falei:

— Vejo vocês em casa.



Mais tarde, depois de jantar mais cervo, quando estávamos todos reunidos ao redor da lareira para um momento tranquilo antes de dormir, observei minhas irmãs sussurrando e rindo juntas. Parte de mim sempre as invejou pela proximidade. Tinham gastado até o último centavo do que dei a elas — em que, eu não sabia, embora Elain tivesse trazido um novo cinzel para os trabalhos em madeira de nosso pai. O manto e as botas pelos quais haviam choramingado na noite anterior haviam sido caros demais. Mas não briguei com elas por isso, não quando Nestha saiu uma segunda vez para cortar mais lenha sem que eu pedisse. Felizmente, elas evitaram outro confronto com os Filhos dos Abençoados.

Meu pai cochilava na cadeira, a bengala sobre o joelho retorcido. Era um momento tão bom quanto qualquer outro para tocar no assunto de Tomas Mandray com Nestha. Eu me virei para ela, abrindo a boca.

Mas um rugido quase ensurdecedor ressoou, e minhas irmãs gritaram quando a neve irrompeu na sala e uma silhueta enorme, grunhindo, surgiu à porta.